

A ENCENAÇÃO (INTELLECTUAL) DE SI: a correspondência entre A. Tito Filho e Luís Mendes Ribeiro Gonçalves (1970-1980)

*A amizade dá, sempre, sem medidas.
Luís Mendes Ribeiro Gonçalves*

As correspondências entre Luís Mendes Ribeiro Gonçalves¹ e seu colega de fardão da Academia Piauiense de Letras, o intelectual A.Tito Filho², servem como fonte histórica para analisar práticas intelectuais baseadas na amizade e na relação entre dois

¹ Foi jornalista e contribuiu para os seguintes jornais: *A Imprensa, O Lírio, O Estado do Piauí, Correio de Teresina, Correio do Piauí, Diário Oficial, O Momento*. Ocupou a Cadeira nº19 da Academia Piauiense de Letras, cujo patrono é Antônio José Sampaio. Foi Membro do Instituto Histórico e Geográfico Piauiense e do Cenáculo Piauiense de Letras. Idealizou o escudo do Piauí; participou da elaboração do mapa do Piauí; concebeu, desenhou, calculou e dirigiu a construção do prédio da antiga Escola Normal (hoje sede da Prefeitura de Teresina); projetou o grupo escolar Demóstenes Avelino; introduziu o concreto armado no Estado; conduziu a ampliação da Usina Geradora de Eletricidade. Em sua bibliografia destacam-se: *Problemas Municipais; Fossas Biológicas; Tipo de Colônia Agrícola para o Nordeste; Mapa do Piauí; Magistratura e Justiça; Aspectos do Problema Econômico do Piauí; A Servidão da Inteligência no Economismo Contemporâneo; Educação e Democracia; Construções Escolares no Piauí; A Escravidão e o Movimento Abolicionista; O Babaçu na Economia Nacional; Fretes Marítimos Internacionais; Viagem de Inspeção ao Nordeste; Santos Dumont - glória e amargura; Joaquim Ribeiro Gonçalves - poeta, político e parlamentar; A Formação do Engenheiro e sua Função Social e Impressões e Perspectivas* (organizado por A. Tito Filho). Sobre ele, A.Tito Filho (2010, p.18) disse : “foi poeta, jornalista, orador, parlamentar, conferencista, crítico literário, cientista, geógrafo, historiador, estudioso da Sociologia, urbanista, professor, economista”. Ver: KRUEL, Kenard. **Luís Mendes Ribeiro Gonçalves**: cartas a A. Tito Filho. Teresina: Zodíaco, 2010. p.18.

² “Jornalista - de "Libertação", no Rio de Janeiro, do "Estado do Piauí", do "Jornal do Comércio", de "O Piauí", do "Jornal do Piauí", colaborador de "O Dia" e de "O Estado", organizador e editor da Revista da Academia Piauiense de Letras e de muitos outros jornais e revistas. Como escritor - escreveu, dentre outros, trinta e seis livros (deixou trabalho inédito), como historiador, cronista, poeta, filólogo, lexicólogo, biógrafo, geógrafo, humorista, pesquisador, sociólogo, jurista, crítico literário etc., o que o projetou nacionalmente e lhe permitiu, há mais de vinte anos, ingressar na Academia Piauiense, entidade que presidiu por vinte e dois longos anos. Além das inúmeras obras e artigos que escreveu, possibilitou a ascensão de um sem número de autores jovens, organizou e revisou uma infinidade de trabalhos, revistas e jornais, incentivou autores já consagrados a continuarem escrevendo e publicando obras, o que fez a literatura piauiense crescer enormemente, dando à Academia Piauiense de Letras um lugar privilegiado no cenário cultural brasileiro, como instituição das letras das mais atuantes deste país”. FERNANDES JÚNIOR, Raimundo Itamar Lemos. **Falar de A.Tito Filho**. Jornal O Dia 30/06/1992.

intelectuais. Servem ainda para cartografar um importante trânsito de ideias que envolviam um cotidiano marcado por solenidades literárias, novidades relativas à inclusão de novos autores, publicação de obras, circulação e recepção de críticas literárias, troca de favores, entre outros.

É importante destacar que a carta é um texto produzido e objeto trocado entre aqueles que se correspondem (VENÂNCIO; 2004) nesse caso, são tratados como fonte ou como objeto de estudo, principalmente quando se tem a escrita de si³ como referencial teórico problematizador, já que a carta é um típico documento de acesso ao mundo privado e pessoal. É importante lembrar que não tenciono explorar as cartas como documentos que possam oferecer acesso a um passado tangível, no sentido de tocar um real ou como uma narrativa pessoal que confere uma impressão maior de veracidade (VENÂNCIO; 2004), mas como textos que são construídos e que possuem sua arquitetura simbólica própria, bem como, suas regras de funcionamento e percepção. Acredito que os arquivos pessoais não são testemunhos incontestes, mas pistas e formas de ver o mundo (MIGNOT; 2002), já que a prática epistolar envolve um fluxo de ir-vir de intenções, esperas ansiosas, respostas que podem ser breves ou não.

As correspondências de Luís Mendes Ribeiro Gonçalves a A. Tito Filho são exemplos de um diálogo epistolar entre dois intelectuais de gerações diferentes⁴, nas

³ A escrita de si, segundo M. de Foucault, é entendida como um suporte de memória, onde o indivíduo exercita um cuidado de si no sentido de realizar atividades e exercícios que lhe ajudem a abstrair as dispersões da vida, fixando e constituído práticas, como a escrita, no sentido de que escrever é mostrar-se, expor-se, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. Sendo assim quem escreve se oferece ao olhar do outro. A narrativa de si é a narrativa da relação consigo mesmo, da relação da alma e do corpo, segundo a moral dos estóicos e epicuristas. Sobre essas relações ver: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e Escritos; V).

⁴ Luís Mendes Ribeiro Gonçalves nasceu em 1895, na cidade de Amarante (PI) e faleceu em 1984 no Rio de Janeiro. A. Tito Filho nasceu em 1924, na cidade de Barras (PI) e faleceu em 1992, na cidade de Teresina. Quando o segundo ainda não era nem nascido, aos 8 anos de idade, foi morar com o tio Antonio Ribeiro Gonçalves, que havia chegado da Bahia formado em medicina. Nesse espaço teve acesso à rica biblioteca do tio, que fez com que colocasse em prática sua atividade de leitor, que havia adquirido, desde os 5 anos, com a mãe que lhe ensinara as primeiras letras. Em 1907 foi aluno do Colégio Diocesano e depois do Liceu Piauiense. Em 1911, deixou Teresina e transferiu-se do ginásio para Salvador onde deveria estudar para ser médico, assim como o tio, mas desistiu e escolheu a engenharia. Formou-se em geografia, em 1914, e Engenharia Civil, em 1916. Quando A. Tito Filho nasceu, em 1924, já era reconhecido em suas atividades de engenheiro e exerceu, por várias

quais o primeiro, apesar de ser mais jovem, encontra-se, com relação ao segundo, assumindo um lugar de distinção, durante o recorte temporal das cartas, entre 1970 e 1980, já que ocupava, além da cadeira 29, a função de presidente da APL. O segundo era, além de um dos imortais da APL, ocupante da cadeira 19, um reconhecido engenheiro que chegou a ganhar o título de sócio da *Société des Ingénieurs Civils de France*.

Esse ciclo de amizade poligeracional foi responsável por uma circularidade intensiva de ideias baseadas na amizade, na confiança, no respeito e, principalmente, na admiração mútua. A.Tito Filho deixou registradas em crônicas suas impressões sobre Luís Mendes Ribeiro Gonçalves, desde que começou a manter um diálogo mais longo com ele, principalmente devido as suas atividades exercidas como Presidente da APL. Sobre isso disse:

Vejo-me na presidência da Academia Piauiense de Letras. Início o esforço de convivência com os confrades - com os de Teresina e com os residentes noutras paisagens brasileiras. Um dos que mais me aplaudiram o trabalho e os objetivos, no Rio, foi Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves - e entre nós se desenvolveu, anos fora, uma correspondência fraterna, amiga, plena de lições utilíssimas por parte desse homem ímpar ao discípulo fincado de corpo e alma no chão piauiense. Quanto aprendo nas suas cartas sempre fiéis nos depoimentos, escritas sem defeito, ao correr da pena, educadas como se espelhassem a própria personalidade daquele que assina - culta, generosa, sincera, íntegra. São cartas literárias. (TITO FILHO; 1989 p.4).

Mesmo que nesse circuito não se tenha acesso às cartas enviadas por A.Tito Filho ao amigo, as cartas-resposta ou as cartas-retorno, escritas por Luís Mendes Ribeiro Gonçalves são fontes importantes para se perceber como as ideias do seu interlocutor foram recepcionadas, o clima de sociabilidade intelectual, além de ser um importante painel do fluxo literário, entre 1970 e 1980, já que as cartas publicadas

administrações estatais, o cargo de Secretário na antiga Secretaria da Agricultura, Terras, Viação e Obras Públicas. Ainda ocupou cargo de diretor geral do Departamento de Obras Contra as Secas (DNOCS).

dilatam-se nesse espaço temporal. Além de refletirem o cenário literário e cultural de Teresina, a própria escrita da carta possui um estilo literário, como A.Tito Filho ressaltou em sua crônica *Ainda o mestre*. Ainda deixou registrado que a forma de escrever do missivista e amigo possuía características importantes, no tocante a sua maneira de escrever, como o uso da

palavra fácil, altiva, protótipo do orador feito e perfeito. De tudo que escreve, com graça, períodos puros, radia beleza, grandeza mental, segurança no afirmar e no discernir. Sabe esgotar os assuntos de que trata sem cansar o leitor, antes convocando-o mais ainda para a leitura, porque desta derivam lições de impecável conteúdo e de notável propriedade do vocabulário usado. Frases límpidas, cheias, sonantes. Estilo de arte rigorosa. [...] escrevendo com letra à semelhança de desenhos de fino labor. Impressionante figura humana, extraordinária individualidade no concerto geral dos que o conhecem e em razão de conhecê-lo aprendem a admirá-lo (KRUEL; 2010. p.10).

É importante frisar que o circuito retroalimentado de significação⁵ é uma das principais características de um diálogo epistolar, marcado essencialmente pelo fluxo e circulação de uma rede, que nessa análise, refere-se à amizade entre dois intelectuais, que tinham bastante reconhecimento e distinção. Considerando que cada carta alimenta a vinda de outra, cada vez mais marcada pela intensidade, é possível admitir que ao ser enviada para seu destino, a carta já não pertence somente ao seu autor ou remetente, mas de quem recebe que se torna, conseqüentemente, seu “proprietário” (GOMES;2004).

Nesse sentido, o acesso a uma das partes no trânsito entre correspondências, ao contrário do que se possa conjecturar, em nada prejudica o entendimento das

⁵ Este circuito favorece a análise de um dos circuitos das cartas, tendo em vista que a apropriação de um dos lados da correspondência é tão importante quanto o acesso ao trânsito completo de ir-vir, já que as respostas fazem menção às perguntas e ampliam reflexões que foram feitas pelo remetente. Além disso, as cartas-resposta estendem para além das questões do remetente, ampliando questões sobre o cotidiano, saúde, solidão, amizade, entre outros assuntos. Sobre este circuito retroalimentado de significação, ver: GOMES, Ângela de Castro. **Em família**: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p.53.

questões propostas pelo seu emitente, já que as respostas são indiciárias ou apontam objetivamente para as perguntas ou reflexões que foram feitas pela pessoa que enviou a carta. Na obra *A filha de Galileu*⁶, a autora Dava Sobel, faz uso deste circuito retroalimentado de significação, onde se utilizando das cartas escritas pela filha mais velha de Galileu, ao longo de duas décadas, enclausurada em um convento da ordem de Santa Clara, perto de Florença, escreveu uma biografia daquele que revolucionou a visão do universo e confirmou a tese do heliocentrismo, proscrita como herética pela igreja Católica naquele período.

As respostas enviadas pela filha de Galileu, posteriormente denominada sóror Maria Celeste, dão conta do contexto conturbado da Florença dos Medice, as ações da Inquisição, o ambiente das universidades, a peste bubônica e a Guerra dos Trinta Anos, além de enredar um caráter pouco conhecido da vida íntima daquele que fundou as bases da ciência moderna. Essa é apenas um dos exemplos que levam em consideração as cartas como um importante acesso às narrativas de introspecção, que servem para enredar narrativas sobre um tempo.

É bom lembrar que a carta é um espaço de intimidade. É a manifestação de uma escrita autoreferencial ou escrita de si (GOMES;2004) o que se convencionou chamar no tempo presente de produção de si, já que as cartas são dotadas de uma individualidade. São espaços privados que guardam registros do tempo. As cartas também são espaços de construções da imagem, já que existe um teatro confidencial,

⁶ Embora a literatura faça uso há mais tempo das cartas como importante fonte que enuncia ditos, sensibilidades e significam um período, a exemplo da obra *A filha de Galileu*, elas têm sido bastante utilizadas pelos historiadores na tentativa de elucidar questões referentes à troca simbólica entre sujeitos que desejam expressar suas vontades e enredam imagens e práticas de si. As cartas tornaram-se privilegiadas quando a intenção é perceber o micro, o cotidiano, as sensibilidades, as intrigas, as relações sutis de poder, as questões intelectuais, entre outras abordagens tão caras para a história cultural. O historiador Peter Gay tem se utilizado bastante da carta, entre outros documentos autobiográficos, como fonte para escrever e montar contextos históricos que aludem ao processo de criação do moderno pela burguesia europeia e norte-americana desde 1820 até a Primeira Guerra Mundial. Focando nas dimensões dos desejos, alegrias, tristezas, ternuras, ódios, intrigas, paixões, mostra um interessante painel do cotidiano oitocentista. Ver: SOBEL, Dava. **A filha de Galileu: um relato biográfico de ciência, fé e amor.** São Paulo: Cia das Letras. 2000. GAY, Peter. **A educação dos sentidos: a experiência burguesa: da Rainha Vitória a Freud.** São Paulo: Cia das Letras. 1988.

onde os missivistas utilizam-se da palavra para marcar seus lugares, dizer suas preferências, mostrar suas inquietações, sonhos e desejos. Todo esse cuidado de si é importante, pois quando se escreve existe preocupação em torno de qual imagem se deseja projetar.

Analisando esta rede de sociabilidade intelectual, observei que em meio ao conjunto de cartas enviadas por Luís Mendes Ribeiro Gonçalves, existia uma preocupação significativa sobre o destino dado para suas correspondências pessoais, já que em uma das cartas declarou ter decidido

Minhas inúmeras cartas, de correspondência particular, ficam em várias pastas, para meu sobrinho Afrânio Nunes, que lhes dará o destino que quiser. Só deverão, entretanto ser publicadas, após boa revisão, pois são conservadas em cópia carbono, sem qualquer emenda (KRUEL; 2010. p.126).

A preocupação com a forma como as cartas seriam publicadas indica um importante aspecto com relação à questão da intelectualidade, qual seja, a forte preocupação com a imagem, já que muitos intelectuais participam de associações, mais ou menos formais, e em uma série de outros grupos que são influenciados ou marcados pelas práticas culturais da oralidade e/ou escrita. A intelectualidade é uma das manifestações da distinção, por isso, analisar esses percursos é uma instigante caça às maneiras que os sujeitos utilizam para sua autorepresentação ou autoimagem⁷ que, às vezes, de tão rotineiras já fazem parte da própria constituição de si.

Neste sentido, a preocupação com a revisão das cartas, caso fossem publicadas, o que veio de fato acontecer, mostra que a preocupação com a imagem é um importante atributo da escrita de si, principalmente levando em consideração que Luís Mendes Ribeiro Gonçalves era escritor, poeta, jornalista, crítico literário, entre outras

⁷ Giselle Venâncio (2004) defende que em uma teia de correspondências intelectuais o autor se constrói para o leitor, mesmo que seja de forma inconsciente. VENÂNCIO, Giselle Martins. **Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história.** In: GOMES, Ângela de Castro (Org.) **Escrita de si, escrita da história.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p.124.

atividades consideradas intelectuais, que levam em consideração a prática da escrita e da leitura. Essa sua longa trajetória e experiência com a escrita tinha lhe proporcionado certo zelo com a forma de apresentação daquilo que escrevia, e não era diferente com as cartas que, além de selarem suas intenções, eram uma forma de apresentá-lo. Não enviava apenas escritos, enviava também fragmentos de si. Não é incomum perceber no conjunto das cartas preocupações como: “esta carta borrada, rasurada, emendada, sei bem que muito mal me recomenda” (KRUEL; 2010 p.178).

Tais questões faziam/faz parte daqueles que se utilizavam/utilizam da escrita manual da carta, já que nem sempre o missivista podia/pode contar com o tempo apto entre a leitura da carta enviada, a escrita da resposta e a reescrita sem rasuras, principalmente se aquele que envia a resposta era idoso, tinha problemas com a visão e gostava de escrever longas cartas como, às vezes, admitia: “é uma desgraça. Verifico que estou a dobrar a décima página. Isto realmente é uma falta de atenção. Penitenciou-me. Desculpe-me. Vou parar” (KRUEL; 2010 p.166).

Esses fatores contribuíram para que quase sempre houvesse calorosos pedidos de desculpas como, por exemplo, quando escreveu enumerando várias formas de tradução do soneto *Correspondances*, de Baudelaire. No meio da carta antecipa-se “vou-me espriando insensivelmente, sem noção de tempo e espaço. Sinto-me envergonhado de minha própria demasia. Conto, porém, com suas desculpas benevolentes” (KRUEL; 2010 p.178). Ao final da carta sentencia “foi tal destempero que de corrida me saiu. Não sei se terá conseguido lê-la” (KRUEL; 2010 p.178).

Mas não era somente a imagem de quem escrevia que ia sendo esculpida durante a escrita da carta, mas de forma especial a imagem daquele para quem a carta era destinada. As imagens de A. Tito Filho, que partem do escrínio que pertenceu ao acervo particular de Luís Mendes Ribeiro Gonçalves, dizem respeito a pelo menos duas variações: a imagem de amigo e de Presidente da APL. Realço, porém, que estas imagens dialogam umas com as outras, os limites são apenas de cunho explicativo.

A imagem de amigo desloca-se sobre todo o corpo das cartas, desde a saudação, passando pelo conteúdo e indo até as saudações finais, ou ainda, se estendendo pela parte pós-escrita (onde utilizava normalmente a sigla P.S). Entre “Meu caro Arimathéa” ou “Meu caríssimo Arimathéa”, utilizados normalmente na saudação, uma rede de afetos e sensibilidades vai sendo estabelecida, desde o agradecimento pelo recebimento da carta, livros, jornais, circulares da APL, até registros de gratidões pela leitura de textos, lembrança do nome do remetente para fazer “orelhas” de livros, prefácios, artigos para revistas, revisões e traduções de texto, entre outras atividades.

A amizade além de ser um sentimento de apreço e consideração é também uma longa conquista de confiança, que é reiterada várias vezes na vida, como aquela relacionada à circulação de documentos, principalmente com o fim de justificar ou comprovar algo. Como era um dos membros da APL que residiam em outro Estado, no Rio de Janeiro, não era incomum o trânsito de alguns documentos comprobatórios, cédulas de votação tanto para eleição de novos membros como para eleição para presidente, balancetes, confirmação de rubrica em cartório, entre outros. Juntamente com uma das correspondências enviadas A. Tito Filho enviou-lhe cópia dos documentos relativos à votação para o preenchimento de uma das cadeiras na APL. Em resposta escreveu “muitíssimo agradecido à sua bondosa atenção. Não me deveria ter-me enviado cópias de documentos. Para mim, creia, sua afirmativa é o que vale” (KRUEL ; 2010. p.83).

Outro sentido, referente à questão da amizade é a sua importância como uma poderosa força de compartilhamento nos momentos de solidão. Se a condição de presidente da APL e a ocupação em outras atividades intelectuais fazia com que A. Tito Filho estivesse sempre às voltas com solenidades, publicações, festas, homenagens, palestras, encontros, a recíproca, com relação a Luís Mendes Ribeiro Gonçalves não era verdadeira, já que seu interlocutor era bastante idoso e levava uma vida bem limitada às suas condições físicas e de saúde, como confidenciou em uma das cartas

Apesar de esforçar-me, tentando uma espécie de reversão da vida, a idade, em constante avanço e por si mesmo uma doença, como diziam os antigos, está sempre a opor-me restrições, privando-me de grandes prazeres. Quase me reduz os atos da vida vegetativa: comer, dormir, fazer a ronda ao quarteirão, quando não chove e as pernas permitem. À leitura, que é, certamente, o mais benéfico dos refúgios, já me entrego com dificuldades, por fraqueza da visão. A conversa, janela aberta ao convívio, é limitada pela solidão peculiar aos anos acumulados. A escrita é obrigada a ser interrompida, por que a percepção visual enfraquecida, embaralha e confunde (KRUEL; 2010, p.109).

A escrita da carta, o diálogo com o amigo que estava distante e cheio de tantas atividades era como se fosse uma forma de bálsamo aliviando-lhe as sombras das horas. A correspondência não tinha apenas a finalidade de circulação de ideias entre dois sujeitos que mantinham determinadas atividades intelectuais, tinha ainda a intenção de preencher o fio do tempo com palavras e afetos. Luís Mendes Ribeiro Gonçalves sabia da importância da amizade como meio de aliviar seus momentos de solidão e confidenciou “nestas horas de introspecção e de saudade você está comigo, ao meu lado, como floração afetiva e irradiação de inteligência” (KRUEL; 2010 p. 109).

Mas a solidão não é apenas um mal, uma enfermidade, um deslocamento da rotina, é um entre, uma possibilidade de criação (BACHELARD; 2007), era este entretempo sensível responsável por animar ou ainda tornar mais rápido o trânsito entre as correspondências. A solidão, principalmente aquela instalada por conta da aposentadoria das atividades profissionais e pelo afastamento das atividades acadêmicas, já lhe havia feito afirmar “tenho-me tornado desconhecido, por completo, dos contemporâneos de agora. A velhice, bem o sinto, é no particular, uma espécie de sepultamento antecipado” (KRUEL; 2010, p.83). A saudade do amigo e a vontade de continuar participando de um intercâmbio epistolar, que ajudava a preencher seu tempo de presença e atividades, fazia-o retornar com o circuito, mesmo que houvesse dificuldades, como asseverou “andei absorvido de preocupações. Mas, hoje, mais desafogado, resolvi matar as saudades” (KRUEL; 2010, p.129).

A amizade de longos anos, já que Luís Mendes Ribeiro Gonçalves havia sido contemporâneo e colega do seu pai Arimatéia Tito, fez com que a relação entre ambos fosse de muita confiança, isto favoreceu ainda mais o trânsito de correspondências, que não se limitava apenas a temáticas de cunho íntimo ou do cotidiano, mas sim, uma verdadeira circulação de informações sobre a Academia, publicação de obras, leituras de circulares, informativos, revistas, jornais, livros, que eram continuamente enviados por A.Tito Filho e devolvidos em forma de comentários, críticas e anotações. Toda esta circulação havia feito com que a solidão tomasse outras direções e, apesar das dificuldades inerentes a sua idade já bastante avançada, reconhecia

no meio de tal desassossego, uma coisa muito me tranqüilizou: você não se deslembrou de mim. Com pontualidade, continuou a enviar-me as publicações da Academia. Os Informativos mensais e os livros solicitados com freqüência. Com o primeiro vou ficando ciente da atividade literária da APL. E com os segundos tomo conhecimento da evolução qualitativa das letras piauienses (KRUEL'2010, p.197).

Além da confiança e da saudade, percebo que a amizade ia sendo demonstrada ou construída através do compartilhamento de questões de natureza privada e cotidiana, como as frequentes questões ligadas à saúde, tanto de Luís Mendes Ribeiro Gonçalves como da sua esposa Alice Ribeiro. Em algumas cartas confidenciou a A.Tito Filho o estado adoentado ou a falta de ânimo, como quando lhe explicou os motivos que o levaram a não realizar a leitura da obra publicada pelo amigo, denominada *Sermões aos Peixes*. Sobre isso confidenciou “Adoentado, não tenho tido ânimo para dar-me, totalmente, à leitura, sem interrupção, do que tem me enviado” (KRUEL'2010, p.123).

Além da sua fragilidade física tinha ainda receios quanto à saúde da esposa, em uma das cartas conta com bastante preocupação sobre os problemas que esta apresentara na visão, sem encontrar, por parte dos médicos, os motivos ou a medicação

adequada, até que o diagnóstico apontou para uma alergia, que fazia com que seus olhos lacrimejassem muito e irritasse a conjuntiva. Declinados os sintomas, dois anos depois, encontra-se novamente com preocupações acerca da esposa que levava uma queda e a arcada ocular batera no chão, o que provocara um volumoso hematoma e contusão no braço direito. Sobre o acontecido narrou a A.Tito Filho

Estávamos os dois sós em casa. Sobressaltado, tive de prestar, pessoalmente, os primeiros socorros e de providenciar, de imediato, a vinda de nosso médico assistente, Prof. Botelho Ferreira. No momento já se não encontrava na residência, nem no consultório. Felizmente a enfermeira deu com ele no Congresso reunido, então, no Hotel Nacional da Barra da Tijuca. E avisado, veio atender-nos com a maior presteza. Não houve, graças ao céu, qualquer fratura (KRUEL'2010, p.189).

Os limites impostos pela idade, tanto seu como da esposa, as dificuldades em escrever, devido aos problemas da visão, contribuíram para que tivesse certa dificuldade em datilografar seus próprios textos: comentários, artigos, prefácios. Isso o levou a fazer alguns pedidos pessoais ao amigo A.Tito Filho, como passar seus textos à máquina, utilizando-se dos serviços da Academia. Além dessa ajuda, sempre gostava de contar com seu auxílio para que fizesse as devidas revisões nos textos que enviava.

Essa forma de auxílio contribuía para que demonstrasse ainda mais afeição e simpatia para com o amigo, como se pode observar quando entregou seu estudo sobre o poeta piauiense Antônio Francisco da Costa e Silva e ressaltou-lhe: “se achar em condições de publicação no livro a ser consagrado ao Poeta, espero que as mande, para isso datilografar, escoimando-as, naturalmente, dos erros que sua visão aguda e esclarecida encontrar” (KRUEL'2010, p.123), ou ainda, quando fez a apreciação da obra Quatro Escorços Biográficos, escrita por Bugija Brito, que iria ser publicado à guisa de prefácio. Ao perceber que havia se estendido e não teria tempo para resumi-lo e nem contava com o auxílio de alguém para datilografá-lo, recebeu notícia do próprio autor que A. Tito Filho havia se prontificado a passá-lo à máquina e, de forma bastante

aliviada, comentou: “a informação me tranquilizou e a sua bondade me oferece ensejo de pedir-lhe que reveja o que fiz com pouco apuro, atenuando-lhe os defeitos mais gritantes” (KRUEL 2010, p.143).

Esses constantes pedidos faziam com que reconhecesse que estas tarefas avolumavam ainda mais as atividades diárias do amigo, por isso, sempre que lhe fazia algum pedido realçava insistentemente “sei que isto é tomar-lhe tempo e o seu tempo vale ouro, mas sua gentileza comigo leva-me a cometer abusos, certo de suas desculpas” (KRUEL 2010, p.143), ou ainda, referindo-se aos originais do seu livro que havia enviado a A.Tito Filho com o objetivo de que este fizesse leitura preliminar: “não lhe pergunto o paradeiro dos originais. Não ignoro as suas ocupações, tão grandes e tão múltiplas, que lhe não deixam vagar para as letras triviais” (KRUEL 2010, p.135).

A imagem de amigo é sem dúvida uma das mais frequentes que corta o conjunto de cartas, que tinha como forte característica a amizade intelectual, tanto no que dizia respeito às demonstrações de afeto e confiança, como às constantes troca de favores, desde que não comprometessem a amizade entre ambos. Pedidos que colocam um dos missivistas em desacordo, frustração, dificuldade, ou que incorre em importunismo, não são frequentes em um trânsito de amizade intelectual, já que este movimento é marcado por pedidos justificados na amizade e na solidariedade mútua. Isto não quer dizer, a propósito, que não ocorram pedidos inoportunos, mas isso desequilibra a circulação de afetos e de ajuda.

Além da saudação e do corpo da carta, outro espaço possível de cartografar sentidos de amizade é aquela referente à despedida e pós-escrito. Nestes espaços é selada mais uma vez a condição da amizade e do afeto entre os missivistas. É comum na despedida a presença simbólica da corporeidade, ou seja, nesses momentos o corpo investe-se de palavras para ficar mais próximo do destinatário. Expressões como “um grande, apertado e afetuoso abraço, do velho amigo e admirador” ou “receba o meu abraço de felicitações, de amizade e de admirador”, demonstram uma singela vontade do missivista em tornar-se presença para seu interlocutor tão longe de sua corporeidade.

A despedida é também o lugar onde se reiteram as qualidades do destinatário ou que oferece visibilidade aos sentimentos daquele que escreve. A expressão de sentimentos como admiração, amizade, respeito, é utilizada na despedida como forma de marcar o lugar daquele que escreve em relação àquele que irá receber a carta. Esta demonstração de sentimentos, além de expressar o desejo de quem escreve, pode encobrir hábitos, rotinas, escolhas pessoais de despedida, já que se trata de um diálogo epistolar entre intelectuais. Além destas expressões que marcavam as despedidas, este espaço também se apresentava como importante lugar para reiterar recomendações aos familiares do amigo missivista, como se observa em “muitas recomendações, minhas e de Alice, à sua digna Senhora e às suas gentis filhinhas” (KRUEL 2010, p.196).

Em algumas cartas enviadas por Luís Mendes Ribeiro Gonçalves percebe-se que após a despedida, existem algumas “emendas” ao texto principal que ficam por conta da abreviatura P.S. (*postscriptum*; do latim *postscribere*, verbo que significa “escrever depois”). Este espaço é reservado para pequenos lembretes ou questões que escaparam na hora da escritura da carta. São pequenas enunciações que retomam questões novas ou ideias contidas no corpo da carta principal.

Além da retomada de questões, o *pós escrito* pode servir para realçar compromissos ou para futuras reflexões, que servirão para alimentar o fluxo de outras correspondências, como se pode observar nesse fragmento a seguir, onde o missivista deixa aberto o diálogo, para futuras correspondências, ao lembrar-se do livro escrito e enviado anteriormente pelo amigo A.Tito Filho, para sua leitura: “P.S. Estou deseioso de desobrigar-me de umas tantas ocupações, a fim de empreender a proveitosa *Viagem ao Dicionário*” (KRUEL 2010, p.121).

A outra imagem de A. Tito Filho que partiu do escrínio que pertenceu ao acervo particular de Luís Mendes Ribeiro Gonçalves diz respeito a sua distinção como presidente da APL. Observo nessa imagem ideias próximas às de articulista, no sentido de que conseguia fazer circular um fluxo significativo ligado a ideias, autores e obras,

principalmente do circuito literário piauiense. A imagem de presidente viabiliza perceber como deu sentido a uma rede de sociabilidade intelectual já que o fluxo de correspondências aponta, para além de gestos de amizade e solidariedade, a existência de um circuito marcado pelas trocas de favores, pela necessidade de ocupação de cargos distintivos e pela importante fomentação de práticas culturais que incluíam a leitura, a escrita, o pensamento e a circulação dessas mesmas práticas.

Em uma rede marcada pela presença de intelectuais que detém posições diferentes em uma mesma Instituição, não se pode perder de vista que, além da amizade, submergem questões relacionadas ao circuito de sociabilidade, pois esta é uma importante condição numa rede de contatos determinada pela inserção do intelectual no mundo cultural (GOMES 2004). Isto quer dizer que, num trânsito de correspondências entre pessoas que carregam a distinção de intelectual, irão aparecer vestígios dessa mesma intelectualidade, marcada principalmente pela circulação de práticas da escrita, principalmente aquelas relativas ao campo das ideias, opiniões, críticas, onde o diálogo contribui para difundir estas mesmas questões.

Um aspecto interessante observado nas correspondências entre Luís Mendes Ribeiro Gonçalves e A. Tito Filho é que as cartas, mesmo possuindo um caráter privado, são utilizadas como registros que circulam de forma pública, utilizando-se dos meios de comunicação, como colunas jornalísticas, informativos ou revistas especializadas, na medida em que aquele que a recebe (o destinatário) detém também seu direito de “proprietário”. Essa prática foi muito recorrente durante toda a fase A. Tito Filho (1971-1992), que se utilizava das cartas, telegramas, livros, jornais, informativos, revistas, como meios que ajudavam a publicidade de sua imagem e incentivavam a construção de redes de informações, que ajudavam consequentemente a alimentar sua diversificada prática de escrita.

Percebi algumas ressonâncias do diálogo epistolar entre Luís Mendes Ribeiro Gonçalves e A. Tito Filho na coluna *Caderno de Anotações*, quando esse publicou a decisão do amigo em doar sua biblioteca particular, após sua morte, para a

Academia, doando títulos de Literatura, Filosofia, História, Ciência, Biografia, Moral, Economia, Oratória, perfazendo em torno de mil títulos⁸. Em sua coluna de crônicas no *Jornal O Dia*, inseriu uma boa parte da carta enviada por Luís Mendes Ribeiro Gonçalves, onde esse narra, após a leitura do livro *Carnavais de Teresina*, escrita por A.Tito Filho, sua participação no baile carnavalesco de 1920, onde se encontrou com o poeta Lucídio Freitas, que falecera meses depois (TITO FILHO, 1988, p.4). Publicou na *Revista Notícias Acadêmicas*, ano1. n.4, p.1,abr.1986, parte da carta onde o amigo missivista ajuizava sobre a necessidade da APL ter sede própria.

Essa circulação pública de documentos privados, lembrando que aquele que escrevia/remetia também considerava a condição de publicação de suas cartas, enfatiza mais uma vez que no processo de distinção, que marca a trajetória intelectual, aquele que escreve não significa apenas a si mesmo, mas também seu interlocutor privilegiado. O diálogo entre missivistas, numa rede de recepção intelectual, permite, para além das demonstrações de afeto, a existência de linhas que singularizam troca de apoio, auxílio, solidariedade, que ajudam a reforçar ainda mais a rede que eles mesmos ajudavam a trançar.

Luís Mendes Ribeiro Gonçalves, em 1979, quando o governo de Lucídio Portela Nunes (1979-1983), não delegou nenhum cargo especial para A. Tito Filho, em uma de suas secretarias, assim se pronunciou em carta

Personalidade vitoriosa, não se dignifica com a culminância de situações passageiras, antes lhes empresta maior relevo. Lamento que haja sido deslembado, sobretudo pela sua colaboração direta e esclarecida [...] ao ato indesculpável você responde com trabalho sem

⁸ Em crônica referiu-se ao desejo de Luís Mendes Ribeiro de doar sua biblioteca e das condições em que recebeu os livros, como se percebe nesse fragmento “Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves manteve comigo, desde os idos de 1974 até perto de morrer, correspondência de grande mérito. Em 1983, manifestou-me a vontade de doar os seus livros técnicos à Universidade Federal do Piauí e os livros de ciências sociais e literatura à Academia Piauiense de Letras. Fiquei satisfeito com a atitude do grande confrade. Faleceu em 1984. Só uns dois anos depois os livros chegaram. Estragados pela umidade. Sujos. Encontravam-se sob cruel desprezo em dependência de apartamento no Rio. Uma tristeza. Ainda assim aproveitei pelo menos um terço dos exemplares”. ver: A. TITO FILHO, A. **Os livros de Matias (Olimpio)**. *Jornal O Dia*. 18/03/1989, p.4.

canseiras, de extraordinário brilho, acompanhado com interesse e admiração, dentro e fora do Estado, por coestaduanos e intelectuais de outras regiões. Só em 1978 sete títulos! É o autor desta opulenta produção e continua incontido, trabalhando em outras áreas da inteligência e do saber, na cátedra, na tribuna acadêmica, na imprensa, em numerosas atividades culturais (KRUEL:2010, p.108).

A decepção ante a não escolha do amigo para uma das secretarias denota outra característica existente em uma rede de intelectuais: a preocupação ou a necessidade de ocupação de cargos públicos como meio importante que auxilia ainda mais o processo de distinção. Como esse circuito intelectual, em análise, era marcado pela presença de amigos que tiveram ou ainda possuíam fortes laços com o Estado, nada mais natural que se esperasse que o mais jovem ocupasse funções na administração pública, isto porque as relações intelectuais e culturais no Brasil foram/são fortemente marcadas pela presença do Estado que assumia/assume o papel de mecenas no contexto do mercado cultural e editorial (ROCHA ; 2000).

No Brasil, assumir um cargo junto ao governo é sempre uma possibilidade de utilização desse privilégio em proveito de si e daqueles que fazem parte do seu círculo de relações pessoais. No caso de A.Tito Filho, além de ajudá-lo no processo de distinção, auxiliava como um importante meio que servia para equilibrar ou amenizar a frágil relação com o mercado editorial e consumidor de literatura local. Sua participação em cargos públicos era uma estratégia importante que ajudava a mantê-lo na presidência da APL, pois permitia sua circulação no difícil e restrito mercado editorial. Além de favorecê-lo com a publicação de obras, que ajudavam a legitimá-lo ainda mais sua posição de intelectual e presidente da principal instituição literária local.

Sua participação nos governos anteriores de Alberto Silva (1971-1975) e Dirceu Mendes Arcoverde (1975-1978) havia sido importante, para o acesso aos meios de publicação, já que no governo do primeiro foi alavancado um importante plano editorial custeado pelo Estado, que teve na APL uma de suas bases de efetivação. O

impacto do Plano Editorial foi continuado no governo seguinte de Dirceu Mendes Arcoverde, que implementou o Projeto Petrônio Portela, incentivando os autores locais à publicação, bem como doando a eles uma quantidade de 100 exemplares correspondente a cada milheiro impresso. A participação de A.Tito Filho nessas duas formas oficiais de publicação e circulação literária rendeu-lhe a publicação de várias obras⁹.

Luís Mendes Ribeiro Gonçalves era testemunho de que a APL havia ganhado fôlego durante sua administração, pois além de ter conseguido manter relações de cordialidade com membros do Estado, sempre que se fazia necessário, criou e recriou fluxos no sentido de incentivar e divulgar a literatura piauiense, a história, seus costumes. Sobre isso seu interlocutor destacou

Não lhe bastaram a meritória e volumosa obra, o brilho continuado e fascinante, as fartas demonstrações de inteligência, como homem de pensamento, o trabalho dedicado ao desenvolvimento e propagação da cultura e, principalmente, a diligente dedicação em transmiti-la como mestre, incontestavelmente, a mais elevada função humana (KRUEL 2010, p.107).

Ora, a distinção e a imagem de Presidente da APL são realçadas nas cartas através da constatação das suas atividades intelectuais exercidas, que foram sempre tão diversificadas. Esta forma de quantificação do saber leva em conta uma construção simbólica baseada na intelectualidade como uma prática socialmente percebida, valorizada e reproduzida (BOURDIEU ; 2008), ou seja, como um bem simbólico que oferece distinção a quem utiliza. Mas a construção de uma imagem distinta em A.Tito Filho, realizada pela recepção da amizade, não obedecia apenas ao fluxo do seu reconhecimento como importante figura que exercia cargos ou que havia se tornado

⁹ As obras publicadas pelo Plano Editorial, durante o Governo Alberto Silva (1971-1975), foram: Viagem ao Dicionário (1972); Esmaragdo de Freitas: homens e episódios (1973); Deus e a Natureza em José Coriolano (1973); Zito Batista: o poeta e o prosador (1973); Lima Rebelo: o homem e a substância (1973). Já aquelas publicadas pelo Projeto Petrônio foram: Lima Rebelo: o homem e a substância (1985; 2ª edição); Gente e Humor (1986).

emblemático para exercê-los, mas também como importante fomentador do mundo cultural e literário local.

O conjunto de cartas é atravessado por uma quantidade significativa de envio de livros, informativos, jornais, circulares, que ajudavam a materializar a onda de publicações que haviam sido fomentadas, desde 1972, com a implantação do Plano Editorial, no governo de Alberto Silva, que teve como finalidade a difusão e a publicação da literatura piauiense, e teve na figura de A.Tito Filho, então Presidente da APL, sua principal base aliada.

Decorridos dez anos, dessa iniciativa da implantação do Plano Editorial percebo, em carta enviada, no dia 09 de julho de 1982, que o trânsito literário havia ganho uma velocidade impressionante, o que de certa maneira ajudou a garantir sucessivas posses a A.Tito Filho como presidente da APL. Entre outros assuntos versados na carta, o remetente empolgou-se diante da circulação de uma variedade de autores e obras

Tenho recebido as publicações. Que fartura!...Exulto com seu admirável trabalho de animador, sacudindo, como um mágico, a capacidade criadora dessa nossa gente de tinta inteligente e tão pobre de meios para exercitá-la [...] você tem sido *ébralement* admirável a provocar a cristalização, em livros, de idéias e sentimentos (KRUEL; 2010 p.193).

Se A. Tito Filho era visto como alguém que favorecia o trânsito literário era porque tinha conseguido movimentar as linhas tênues entre o mundo das letras e aquelas que diziam respeito às práticas oficializadas de publicação. Alguns dos seus próprios livros foram recepcionados pelo amigo, como Igreja do Alto da Jurubeba (1978), onde esse destacou que tal obra pertencia à série Teresina, Meu Amor (1973), enfatizando que A.Tito Filho desde a escrita desse primeiro livro-memorial havia iniciado uma espécie de coleção de textos sobre a cidade de Teresina, que ainda incluíam títulos como: Gente e Humor (1974); Sermões aos Peixes (1975); Praça

Aquidabã, Sem Número (1975); Teresina, Ruas, Praças e Avenidas - Roteiro Turístico (1976); Crônica da Cidade Amada (1977); Carnavais de Teresina (1978); Memorial da Cidade Verde (1978); Crônicas (1989).

Todas essas obras, à exceção da última, foram sistematicamente enviadas para Luís Mendes Ribeiro Gonçalves e tinham diferentes finalidades, como presentear-lo, fazê-lo comentar, escrever prefácio ou ainda revisitar suas próprias memórias da cidade, que iam alimentando o circuito de outras correspondências, além das suas colunas e de seus livros sobre a cidade de Teresina. Seja como for, o envio de tal bibliografia deixava o missivista sempre muito contente, já que o trânsito ajudava a mantê-lo informado e atualizado sobre as publicações locais e nacionais, sempre que era possível registrava seu contentamento ao amigo e presidente da APL

Você prossegue no afã louvável de preservar a nossa produção literária, promovendo-lhe a divulgação. É, além de brilhante cultor e incentivador, propagador de nossas letras. Nunca um presidente da Academia terá desempenhado as altas funções de maneira profícua, extensa e intensa (KRUEL ; 2010, p.109).

Esta forma de recepção ajudava A.Tito Filho a enriquecer seus comentários sobre literatura nos programas radiofônicos, nas solenidades de lançamento, nas apreciações da coluna Caderno de Anotações, nas suas próprias resenhas, prefácios, nas solenidades literárias, tanto na APL como em outros espaços de comemoração. A circulação literária e sua forma variada de recepção ajudavam a construir um baú de memórias e de apreciações e auxiliava na construção de uma prática de crítica literária, mesmo que ainda voltada para os aspectos ligados mais ao autor do que à obra. Sabe-se que a literatura tem a “função de promover mudanças no horizonte de expectativas do público, obrigando-o a criar outras expectativas, que também deverão ser modificadas, sempre que novas obras forem surgindo” (NASCIMENTO; 2008.p.100).

Essa habilidade tinha tornado Luís Mendes Ribeiro Gonçalves um importante mediador entre autores e público, além de contribuir para o crescimento de

suas expectativas com relação a uma possível entrada na Academia Brasileira de Letras. Sobre isso o amigo já havia sugerido à época da indicação do piauiense Carlos Castelo Branco, que veio a ser recebido nessa instituição em 25 de maio de 1983, ocupando pela sexta vez a cadeira 34

O Carlos Castelo Branco, ao que tudo indica, será o próximo membro da ABL. É o caminho para que o Piauí avance o passo. Não nos falta gente para isso. Em condições para arrancada temos Assis Brasil, O.G. Rego de Carvalho e você. Vá se preparando. Quero vê-lo de fardão, espadim e chapéu de bico e plumas (KRUEL ; 2010 p.195).

O incentivo e a confiança demonstram que o diálogo epistolar entre intelectuais é marcado pelo atravessamento de questões que contribuem para marcar ainda mais sua distinção, tanto daquele que escreve a carta, como daquele que recebe. Se ambos previam e, às vezes, publicavam parcialmente as correspondências é porque o campo intelectual, para lembrar Bourdieu, tem suas próprias regras, princípios, e são definidas a partir das delimitações impostas pelos seus participantes. Isto quer dizer, que os campos criam suas próprias condutas, suas formas de relacionamento e horizontes de expectativas.

Tanto a imagem de amigo como a de presidente da APL cruzam-se entre as narrativas epistolares enviadas por Luís Mendes Ribeiro Gonçalves Mendes Ribeiro Gonçalves e deixam perceber que A.Tito Filho é um sujeito relacional dentro do campo intelectual em que vivia. Isto quer dizer que, a despeito de sua singularidade no trânsito entre intelectuais, sua distinção é construída tendo como princípio o próprio movimento exercido pela circulação de suas ideias e intenções. A imagem de um sujeito relacional (ele existe em função de sua comunicação com outros) serve como reflexão para evitar-se a ideia de indivíduo isolado ou do gênio singular.

É nas relações existentes nos campos intelectuais que o intelectual é construído. A correspondência é uma forma de manter contato, de posicionar ideias, de

fazer circular novidades, interesses e de fazer-se presente com relação ao outro. As distâncias diminuem quando a vontade é estar junto, é participar. A. Tito Filho ganhava com a recepção do seu mundo literário pelo amigo. Esse último preenchia seu tempo e suas expectativas com o fluxo que lhe chegava e que o animava, como ele mesmo considerou

Chegam-me, frequentemente, os números do Informativo da APL, os balancetes, os livros novos, as notícias das ocorrências sociais e das solenidades literárias. É um sopro de vida que, de súbito, me entra em casa, revigorando-me o ânimo e gritando os sonhos e as ideias dessa nova gente, cuja inteligência e espírito você está constantemente a incentivar e fortalecer, como criador e estimulador [...] De longe acompanho tudo com alegria, fazendo votos para que se conserve como centro admirável de propagação de inteligência e de cultura (KRUEL; 2010 p.109).

As correspondências entre intelectuais e amigos apontam para questões que dizem respeito à escrita de si como importante meio onde se cruzam diferentes (re)invenções do sujeito moderno. Os fluxos de visibilidade existentes no conjunto das cartas mostram que para além de um diálogo entre amigos, existem regimes de experiências, expectativas, desejos, que se conectam e mostram que uma época somente é visível por aquilo que se torna enunciável através da linguagem. Aquilo que podemos ver e dizer é aquilo que foi permitido em cada época e agenciado pelos sujeitos. Nesse sentido, as cartas dizem o que os missivistas viam e como formulavam suas questões e seu cotidiano e como desejavam que seus prováveis leitores o vissem.

Ressalto que as cartas são escritas de si; espaços de construções da imagem, já que existe um teatro confidencial. Teatro aqui, como espaço de encenação da linguagem, da escrita, interpretados pelos missivistas que se utilizam da palavra para marcar seus lugares, dizer suas preferências, mostrar suas inquietações, sonhos e desejos, mas também para construir sentidos para seu público. As cartas territorializam afinidades marcadas entre dois intelectuais que se utilizam do signo da amizade para dizerem seus territórios de afinidade e cumplicidade.



Referências

- BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. São Paulo (Campinas): Verus, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre (RS): Zouk, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **O sociólogo e o historiador**: Pierre Bourdieu e Roger Chartier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- COMENTÁRIO. Notícias Acadêmicas. Teresina, ano 1, n. 4, p. 1, abr. 1986.
- GAY, Peter. **A educação dos sentidos: a experiência burguesa: da Rainha Vitória a Freud**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- GOMES, Ângela de Castro. **Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre**. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 53.
- GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo**. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- KRUEL, Kenard. **Luis Mendes Ribeiro Gonçalves: cartas a A. Tito Filho**. Teresina: Zodíaco, 2010.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. **Baú de memórias, bastidores de histórias**:
- NASCIMENTO, Francisco Alcides. **História e literatura: revisitando fronteiras**. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa; RANGEL, Maria do Socorro. **Entre línguas: movimento e mistura de saberes**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.
- ROCHA, João César de Castro. **O homem de letras (cordial)**. In: DEL PRIORE, MARY (Org.). **Revisão do Paraíso: os brasileiros e o Estado em 500 anos de História**. Rio de Janeiro: Campos, 2000.
- SOBEL, Dava. **A filha de Galileu: um relato biográfico de ciência, fé e amor**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- TITO FILHO, A. **Lucídio**. Jornal O Dia. 16/04/1988, p. 4.
- TITO FILHO, A. **Ainda o mestre**. Jornal O Dia. 03/04/1989.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARÁ

VENÂNCIO, Giselle Martins. **Cartas de Lobato a Vianna**: uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.) **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.